Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: considerações a partir do livro didático

Luís Henrique Dias Rocha
luisfc_12@hotmail.com

Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6386-7056

RESUMO

O presente trabalho teve como motivador a Lei 13006/2014, que dispôs sobre obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional, por no mínimo duas horas mensais, nas escolas de ensino fundamental e médio. A referida lei foi inserida na ficha de avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2018), tornando como requisito obrigatório, que os livros deveriam contemplar a mesma. Das quatorze coleções aprovadas no PNLD/2018, foi possível conseguir, para análise, sete coleções completas e quatro volumes avulsos. Parte desse material foi encontrado no formato digital, disponibilizado pelas próprias editoras na Internet, e outra parte foi adquirida no formato físico, encontrada em algumas escolas da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul. Após análise, identificamos que os filmes comparecem nas coleções nos boxes que ficam nas laterais das páginas, seja no canto superior ou inferior. Verificamos que existe uma correspondência entre o filme sugerido e o tema/conteúdo abordado na página, capítulo ou unidade temática do livro. Foi possível identificar também que os gêneros de filmes mais sugeridos nas coleções são o documentário e o drama. A partir desses elementos, podemos inferir que existiria um tipo de filme "certo" para estar em sala de aula: o filme documentário, que apresenta a realidade com verossimilhança, e o filme drama, que aborda questões que se aproximam de temas da Geografia.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem cinematográfica, Ensino de Geografia, Cinema nacional, Livro didático.

LENGUAJE CINEMATOGRÁFICO Y LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: consideraciones del libro de texto

RESUMEN

Este trabajo fue motivado por la Ley 13006/2014, que preveía la proyección obligatoria de películas de producción nacional durante al menos dos horas al mes en las escuelas primarias y secundarias. A partir de esa ley, se insertó en el formulario de evaluación del Programa Nacional de Libros de Texto (PNLD / 2018) como uno de los requisitos obligatorios, que los libros deben incluir el mismo. De las catorce colecciones aprobadas en el PNLD / 2018, fue posible obtener para análisis siete colecciones completas y dos volúmenes separados. Parte de este material se encontró en el formato digital puesto a disposición por los propios editores en Internet y la otra parte se adquirió en el formato físico que se encuentra en algunas escuelas públicas de (Omitido para revisión)Luego del análisis identificamos que las películas aparecen en las colecciones en los recuadros que están a los lados de las páginas, ya sea en las esquinas superior o inferior. Verificamos que existe correspondencia entre la película sugerida y el tema / contenido tratado en la página, capítulo o unidad temática del libro. También se pudo identificar que los géneros cinematográficos más sugeridos en las colecciones son el documental y el drama. A partir de estos elementos, podemos inferir que habría un tipo de película "adecuada" para ser utilizada en el aula: la película documental que presenta la realidad con verosimilitud y la película dramática que aborda temas que abordan temas de geografía.

PALABRAS CLAVE

Lenguaje cinematográfico, Enseñanza de la geografía, Cine nacional, Libro de texto.

Introdução

A Lei 13.006/2014 afirma a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional, por no mínimo duas horas mensais nas escolas de educação básica. Assim, a referida Lei foi incluída na ficha de avaliação do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD, 2018), no subitem "Formação Cidadã", como item que as coleções deveriam atender.

Tendo a lei como motivador, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações/tensões a partir da relação entre a linguagem cinematográfica, educação e o ensino de Geografia, com base em análises no livro didático de Geografia para o ensino médio que foram aprovados no PNLD/2018.

Ainda hoje, o livro didático é o principal material de apoio para as aulas dos professores, em alguns casos, sendo o único. Neste sentido, a partir da escolha do livro didático, pode-se dizer que este passa a ser elemento condutor na construção do saber

geográfico, em grande parte das vezes. Assim, a partir da lei e o seu desdobramento no PNLD/2018, o livro didático é o instrumento de análise do texto que segue.

Inicialmente, devemos esclarecer que o percurso analítico e as discussões deste trabalho se pautam numa compreensão de linguagem, conforme Oliveira Junior e Girardi (2011, p. 4): "Abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço".

Dessa forma, o trajeto que o trabalho propõe apresentar é o de pensar e construir práticas de ensino de Geografia em que o cinema é tido como linguagem, que apresenta características e signos próprios, o que possibilita a construção de um saber crítico, plural e, portanto, geográfico acerca do espaço.

Este trabalho está dividido em três partes, sendo primeiramente apresentados os procedimentos de pesquisa, o que consistiu na revisão bibliográfica sobre o tema, buscando a interlocução entre autores que se propõem a pensar o cinema enquanto linguagem, como Duarte (2002), Oliveira Jr. (2005), Ferraz (2012) e Inés Dussel (2014). A seguir foi realizada a leitura do guia do livro didático, buscando identificar as coleções aprovadas, para que, no segundo momento, com as coleções obtidas, fosse realizada a análise de acordo com roteiro elaborado.

Na segunda parte é apresentada a discussão teórica do trabalho, que visa refletir, de forma crítica e analítica, sobre as possibilidades de relações entre o cinema, como linguagem, bem como sobre o ensino de Geografia, pensando principalmente a partir de Xavier (2008) — "por um cinema que educa".

Na terceira parte do trabalho é apresentada a sistematização das análises feitas nas coleções adquiridas. Sendo primeiro indicada a forma em que o cinema de produção nacional e estrangeira comparecem nas coleções. Posteriormente, foi identificado os gêneros fílmicos que mais estão presentes; e, em seguida, os títulos de filmes mais sugeridos. A partir dessas informações, o trabalho se propõe à problematização das seguintes indagações: Existe um tipo de filme certo para estar em sala? Existe possibilidade de relação entre os gêneros e títulos de filmes que mais vezes comparecem nos livros didáticos?

Procedimento de pesquisa

Para atingir os objetivos propostos foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: Revisão bibliográfica sobre o tema; Leitura do Guia do Livro Didático de Geografia do PNLD/2018 para identificação das coleções didáticas aprovadas; Levantamento, junto às escolas estaduais de Mato Grosso do Sul das coleções didáticas aprovadas no PNLD/2018; Análise das coleções aprovadas.

O PNLD/2018 teve quatorze coleções de livros didáticos de Geografia aprovadas e que foram escolhidas pelos professores para serem utilizadas no Ensino Médio no período de 2018 a 2020.

Das quatorze coleções aprovadas no PLND/2018, foi possível ter acesso a sete coleções completas e quatro volumes avulsos. Uma parcela de livros foi encontrada na Internet em formato digital, sendo disponibilizados em sites pelas próprias editoras. A outra parte foi encontrada a partir do contato com a escolas que fazem parte da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul.

A linguagem fílmica e o ensino de Geografia - considerações iniciais

Dentre a gama de possibilidades de análise da linguagem cinematográfica, a presente pesquisa se pauta no entendimento do cinema a partir de seu caráter social, cultural e artístico. Duarte (2002, p. 16) pontua que "ver filmes é uma prática social tão importante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, sociológicas, filosóficas e tantas mais".

Entende-se que essa linguagem possui especificidades que podem contribuir para a construção de pensamentos acerca do espaço. Assim, afirma-se não a ideia de oposição e/ou hierarquias entre linguagens, mas a relação entre a linguagem fílmica e o ensino-aprendizagem, no contexto escolar, como mais uma possibilidade de construção de conhecimento.

Ao olharmos para a aproximação histórica do cinema com a escola, no contexto brasileiro, podemos observar que o pragmatismo e o conservadorismo se fazem presentes desde o início dessa relação.

No final do século XIX já se fazia presente na educação brasileira a utilização de elementos visuais no ensino, principalmente por meio de fotografias. A inserção do cinematógrafo no processo pedagógico escolar, no primeiro momento, teve sua

legitimação pautada em "tornar as lições mais interessantes e eficazes" (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p. 62).

A defesa no campo político, feita por Getúlio Vargas na década de 1930, acerca do desenvolvimento do cinema e de sua utilização na educação, foi pautada no discurso de que o cinema educativo, principalmente o cinema documental, apresentava-se como uma ferramenta que visava representar a realidade da forma como ela é, sendo esse elemento entendido como importante, devido ao alcance que o cinema poderia vir a ter, e de que, nessa perspectiva, o cinema em si não traria entraves ao ser assistido por analfabetos. Assim, passou a ser chamado de "livro de imagens luminosas". (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p. 68).

Pensar práticas pedagógicas para a sala de aula com o cinema apenas pelo seu caráter ilustrativo e enquanto ferramenta é inibir de forma silenciosa a possibilidade de encontro entre sujeitos (professores e alunos), pautado pela experiência artística e cultural que o cinema possa a vir proporcionar no contexto de ensino e aprendizagem na escola.

É necessário mencionar que o trabalho não apresenta uma oposição entre o uso instrumental e o cinema pensado e experienciado como linguagem no processo de ensino e aprendizagem. Porém, entendemos que é importante ir além da compreensão do uso do cinema como recurso, o que na maioria dos casos justifica sua presença em sala de aula, pois está diretamente relacionado a um conteúdo programático do currículo escolar. Desse modo, o trabalho visa contribuir para que as práticas de ensino de Geografia possam ser pensadas a partir do olhar para o filme em si, e não somente para aquilo que está no filme.

Com base nessa reflexão se faz necessário pensar sobre qual seria, então, a criação de outra forma de cinema com o ensino, e qual seria o cinema que educa?

Nos dizeres de Ismail Xavier (2008):

> O cinema que "educa" é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é "passar conteúdos", mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável. (XAVIER, 2008, p. 14)

Desse modo, o cinema que educa é o que dá possibilidade de ruptura, por meio da criação de novas ideias para se pensar, legitimado através da experiência de ver, fazer e sentir o cinema. De certa forma, é também fugir dessa funcionalidade, que muito se vem atribuindo ao cinema, enquanto ferramenta para se chegar a algo, e esse algo, na

maioria das vezes, é o conteúdo. O cinema que educa é o que possibilita a criação e o confronto de mundo.

No que se refere às relações e tensões entre cinema e escola, Inés Dussel (2014) diz:

> Me concentraré sobre todo en lo que llamo la "visión celebratoria" de los aportes del cine a la escuela, que considera al cine como la experiencia artística por excelencia y lo coloca por encima de otros medios audiovisuales como la televisión o los nuevos medios digitales, tanto por su lenguaje estético específico como porque permite la distancia y la reflexión diferencia, por ejemplo, de los videojuegos o las redes sociales, que implican un involucramiento inmediato, veloz y en gran medida sinestésico). En este argumento, si el cine es el espacio movilizador de energías creativas, la escuela es su revés: un espacio inerte, rutinizado y desvitalizado, que ha perdido (o nunca tuvo) la sensibilidad para abrirse al otro y para incluir poéticas y estéticas plurales y rupturistas. En esta visión, las experiencias con el cine deben resistir, ante todo, ser escolarizadas, porque en la adaptación escolar se pierde todo lo valioso y 'alter(iz)ante' del cine, esto es, su capacidad de alterar una cierta gramática y de plantear una experiencia estética rica e imprevisible. (DUSSEL, 2014, p. 79)

A autora reforça a problemática da *pedagogização* do cinema na escola. Pensar o filme apenas a partir do seu caráter instrumental/recurso estabiliza as forças criativas existentes no cinema que são capazes de mobilizar e de tensionar pensamentos acerca do espaço.

Quanto às aproximações do cinema com o ensino de Geografia, pautamo-nos nas contribuições de Oliveira Jr. (2005) e Ferraz (2012). Para Ferraz (2012, p. 368): "A imagem fílmica, enquanto elaboração artística, não pode ser entendida como mera reprodução do real, pois não é uma cópia do mundo, mas sim a instauração de um acontecimento, de uma forma outra de se ver o mundo".

Assim, o filme não é uma representação fidedigna do real, mas a visão dada a partir do diretor sobre determinado assunto, dentro de um recorte espacial e temporal. Desse modo, o cinema é uma linguagem que possui intencionalidades e, caberia ao ensino de Geografia, confrontar as intencionalidades apresentadas no filme, tensionando ideias e elementos dessa linguagem para construir outras formas de se entender o espaço.

Seguindo na construção de um argumento em defesa da experiência do cinema no ensino de Geografia, e corroborando com as proposições apresentadas por Ferraz (2012), Oliveira Jr. (2005) apresenta que:

> Uma geografia de cinema, num primeiro momento, tem mais haver com o movimento que o filme causa em mim do que com a trama ou o conteúdo geográfico que ele contém ou representa. Na verdade, ela seria algo um pouco distinto, uma vez que não deve assumir uma perspectiva de desenvolvimento subjetivo apenas e, ainda que assim o assuma, deve ter como foco uma ação

> eminentemente política, portanto pública ou pelo menos voltada a ele. O que quero dizer com isso é que a intenção de produzir geografias de cinema é a de pensar e inventar outras interpretações para o mundo, a de permitir olhares diferenciados e diversificados às coisas do mundo (não só do filme, mas da realidade nele aludida ou encontrada). (OLIVEIRA JR., 2005, p. 32)

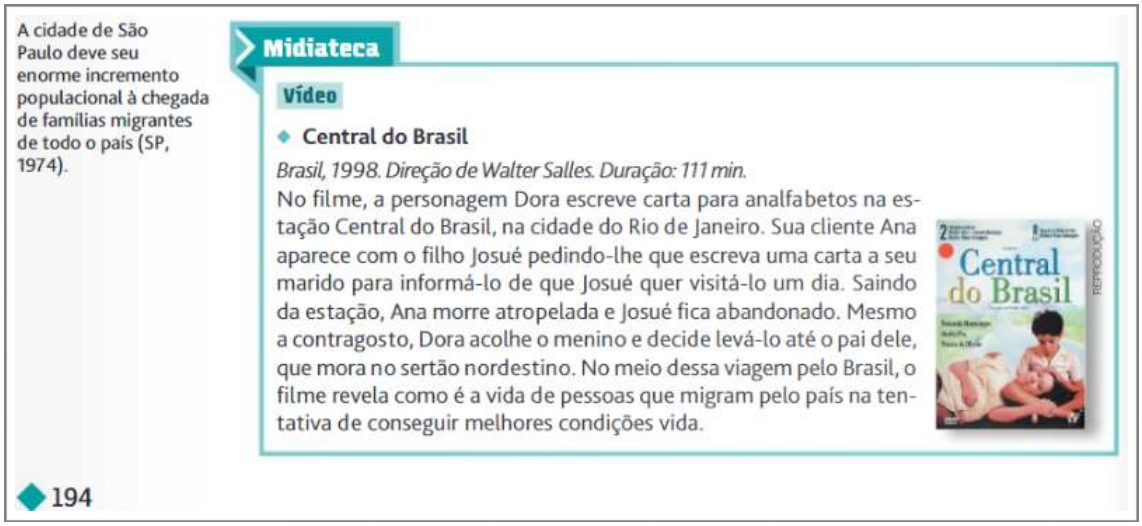
Portanto, o autor defende a ideia de uma *Geografia do Cinema*, que é construída a partir de uma interpretação dada pelo sujeito que está em contato/contágio com o filme em questão. Essa interpretação é pautada naquilo que o filme afeta esse sujeito, de tal forma que os olhares devem ser mirados para o filme em si, e não necessariamente para algo que está no filme. A narrativa e o conteúdo dito geográfico podem servir como ponto de partida, mas não podem ser o ponto de chegada.

Dessa forma, ao se fazer uso de uma leitura geográfica na experiência de ensino com o cinema, constrói-se a possibilidade da (re)significação de sentidos, corroborando uma construção múltipla de sentidos e conhecimentos.

Por fim, mas não fechado/acabado/finalizado, a interpretação geográfica possibilita a construção de geografias do cinema. Acreditamos, por isso, que podemos experienciar diversas geografias ao entrarmos em contato com um filme. Assim, a experiência fílmica no âmbito escolar pode colaborar com a realização de leituras outras em relação ao espaço. Concebendo, dessa forma, o cinema como arte questionadora de valores e posicionamentos pré-estabelecidos socialmente.

Resultados e discussão

Após as análises das coleções de livros didático de Geografia para o ensino médio, aprovadas no PNLD (2018), foi constatado que os filmes, em geral, comparecem nos livros em forma de boxes nas laterais no canto inferior ou superior das páginas, sempre articulados à ideia a ser trabalhada na unidade e no capítulo em que o filme foi proposto. Em sua maioria, os filmes são apresentados por meio de boxes nas laterais dos livros como sugestão complementar ao conteúdo (Figura 1).


A cidade de São Paulo deve seu enorme incremento populacional à chegada de famílias migrantes de todo o país (SP, 1974).

Midiateca

Vídeo

Central do Brasil

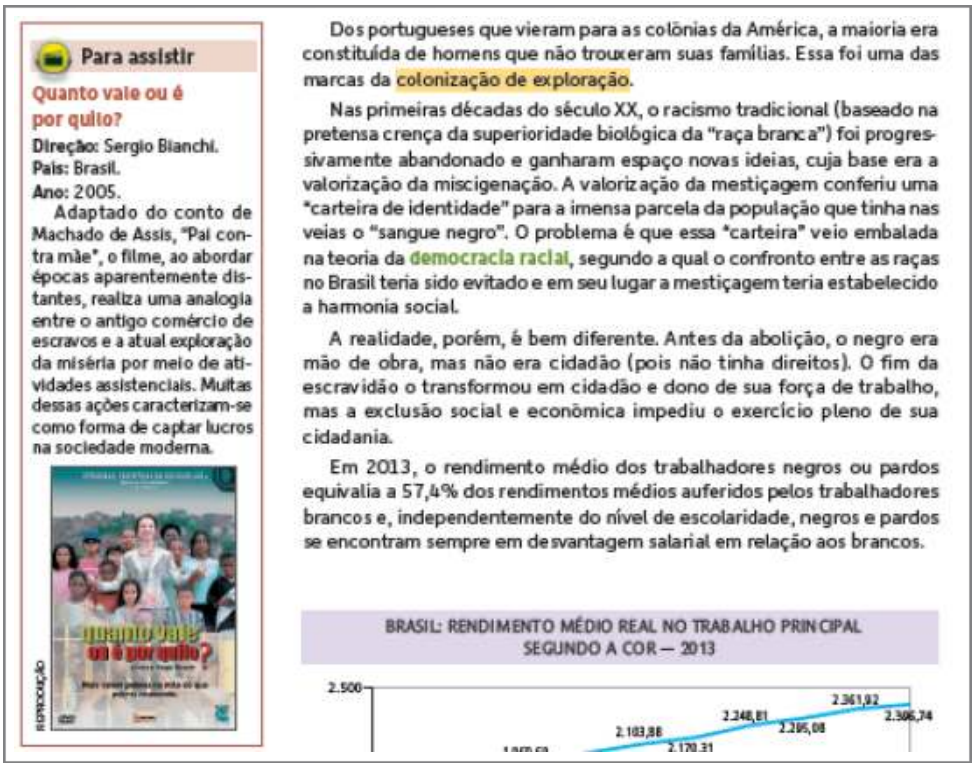
Brasil, 1998. Direção de Walter Salles. Duração: 111 min.

No filme, a personagem Dora escreve carta para analfabetos na estação Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Sua cliente Ana aparece com o filho Josué pedindo-lhe que escreva uma carta a seu marido para informá-lo de que Josué quer visitá-lo um dia. Saindo da estação, Ana morre atropelada e Josué fica abandonado. Mesmo a contragosto, Dora acolhe o menino e decide levá-lo até o pai dele, que mora no sertão nordestino. No meio dessa viagem pelo Brasil, o filme revela como é a vida de pessoas que migram pelo país na tentativa de conseguir melhores condições vida.

194

Figura 1: Sugestão de filme.
Fonte: SILVA, Ângela Correa. OLIC, Nelson Bacic. LOZANO, Ruy. Geografia – Contextos e Redes. Volume 2. 2ª Edição. São Paulo: Moderna, 2016, p. 194.

A forma como o cinema, inclusive o nacional, comparece nas coleções, segue a lógica de complementação do conteúdo a ser trabalhado na página, capítulo ou unidade temática em que está sendo sugerido, conforme pode-se observar nas Figuras 2, 3 e 4.


Para assistir

Quanto vale ou é por quilo?

Direção: Sergio Bianchi.
País: Brasil.
Ano: 2005.

Adaptado do conto de Machado de Assis, "Pai contra mãe", o filme, ao abordar épocas aparentemente distantes, realiza uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria por meio de atividades assistenciais. Muitas dessas ações caracterizam-se como forma de captar lucros na sociedade moderna.

Dos portugueses que vieram para as colônias da América, a maioria era constituída de homens que não trouxeram suas famílias. Essa foi uma das marcas da colonização de exploração.

Nas primeiras décadas do século XX, o racismo tradicional (baseado na pretensa crença da superioridade biológica da "raça branca") foi progressivamente abandonado e ganharam espaço novas ideias, cuja base era a valorização da miscigenação. A valorização da mestiçagem conferiu uma "carteira de identidade" para a imensa parcela da população que tinha nas veias o "sangue negro". O problema é que essa "carteira" veio embalada na teoria da democracia racial, segundo a qual o confronto entre as raças no Brasil teria sido evitado e em seu lugar a mestiçagem teria estabelecido a harmonia social.

A realidade, porém, é bem diferente. Antes da abolição, o negro era mão de obra, mas não era cidadão (pois não tinha direitos). O fim da escravidão o transformou em cidadão e dono de sua força de trabalho, mas a exclusão social e econômica impediu o exercício pleno de sua cidadania.

Em 2013, o rendimento médio dos trabalhadores negros ou pardos equivalia a 57,4% dos rendimentos médios auferidos pelos trabalhadores brancos e, independentemente do nível de escolaridade, negros e pardos se encontram sempre em desvantagem salarial em relação aos brancos.

BRASIL: RENDIMENTO MÉDIO REAL NO TRABALHO PRINCIPAL SEGUNDO A COR — 2013

Figura 2: Coleção Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil, (2016).
Fonte: TERRA, Lygia. ARAUJO, Regina. GUIMARÃES, Raul B. Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil. Volume 1. 3ª Edição. São Paulo: Moderna, 2016, p. 120.



4 Migração interna

Assista ao filme *O homem que virou suco*. Veja orientações na seção Sugestões de leitura, filmes e *sites*.

Segundo dados do IBGE, em 2014, 39,5% dos habitantes do país não eram naturais do município em que moravam, e cerca de 16% deles não eram procedentes da unidade da federação em que viviam.

Federação: arranjo político-territorial, como é o caso da Federação Russa, do Brasil, dos Estados Unidos, da Alemanha, entre outros países, no qual as unidades internas não têm autonomia completa, portanto devem reportar-se a órgãos centrais de decisão política.

Esses dados revelam que predominam os movimentos migratórios dentro do estado de origem. Atualmente há um crescimento dos fluxos urbano-urbano e intrametropolitano, isto é, aumenta o número de pessoas que migra de uma cidade para outra no mesmo estado ou em determinada região metropolitana em busca de melhores condições de vida. No entanto, continuam ocorrendo os movimentos migratórios interestaduais, como mostra o mapa ao lado.

Analisando a história brasileira, percebemos que, desde o século XVI, os movimentos migratórios estão associados a fatores econômicos. Quando o ciclo da cana-de-açúcar no Nordeste decaiu, por exemplo, se intensificou o do ouro em Minas Gerais. Esses grandes deslocamentos de pessoas provocam um intenso processo de urbanização na nova centralidade econômica do país.

Mais tarde, com o ciclo do café e o processo de industrialização, o eixo São Paulo-Rio de Janeiro se tornou o grande polo de atração de migrantes, que saíam da região de origem em busca de emprego ou de melhores salários. Somente a partir da década de 1970, por causa do processo de desconcentração da atividade industrial e da criação de políticas públicas de incentivo à ocupação das regiões Norte e Centro-Oeste, a migração para o Sudeste começou a apresentar significativa queda.

Se determinada região do país começar a rece-

Brasil: principais fluxos migratórios – 2008

Adaptado de: IBGE. *Atlas Nacional do Brasil Milton Santos*. Rio de Janeiro, 2010. p. 139.

Figura 3: Coleção Geografia Geral e do Brasil. (2016).
Fonte: MOREIRA, João C. SENE, Eustáquio. Geografia Geral e do Brasil – Espaço geográfico e globalização. Volume 3. 3ª Edição. São Paulo: Scipione, 2016, p. 152.



A Geografia no cinema — Gaijin: ama-me como sou

O filme apresenta o drama vivido por uma imigrante japonesa e suas descendentes no Brasil. O filme mostra também a ida dos descendentes dos imigrantes para a terra natal de seus antepassados em busca de melhores condições de vida.

Título: Gaijin: ama-me como sou
Diretor: Tizuka Yamasaki
Principais atores: Tamlyn Tomita, Louise Cardoso, Luís Melo e Lissa Diniz
Ano: 2005
Duração: 130 minutos
Origem: Brasil

Unidade 5

Para assistir

- **CENTRAL do Brasil.** Direção: Walter Salles. Europa filmes, 1998.
  O filme revela como é a vida das pessoas que migram pelo país, envolvendo a história de uma mulher, que decide ajudar um garoto a encontrar seu pai, em uma viagem do Rio de Janeiro ao Sertão nordestino.
- **GAIJIN: os caminhos da liberdade.** Direção: Tizuka Yamasaki. CPC, 1980.
  O filme retrata diversos aspectos que marcaram a história dos imigrantes japoneses no Brasil no início do século XX. Entre eles, a convivência entre imigrantes japoneses, italianos e os migrantes nordestinos.
- **MORTE e vida Severina.** Direção: Zelito Viana. Embrafilmes, 1977.
  Baseado no clássico da literatura brasileira escrito por João Cabral de Melo Neto, em 1966, esse filme retrata a vida do migrante nordestino Severino, que, assim como muitos outros nordestinos, partiu do sertão em direção ao litoral do Nordeste em busca de melhores condições de vida.

Para ler

- ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio O. **Imigrantes no Brasil**: colonos e povoadores. Curitiba: Nova Didática, 2000.
- IOKOI, Hilda M. Gricoli. **Ser índio hoje**: a tensão territorial. São Paulo: Loyola, 1999.
- PAIVA, Odair da Cruz. **Brasileiros na hospedaria dos imigrantes**: a migração para o estado de São Paulo (1888-1993). São Paulo: Memorial do Imigrante, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANTOS, Regina B. dos. **Migração no Brasil**. São Paulo: Scipione, 1994.
- SILVA JR., Hélio (Org.). **O papel da cor**: raça/etnia nas políticas de promoção da igualdade. São Paulo: Ceert, 2003.
- VALIM, Ana. **Migrações**: da perda da terra à exclusão social. 11. ed. São Paulo: Atual, 2009.

Para navegar

- **FUNDAÇÃO Nacional do Índio (FUNAI).** Disponível em: <http://tub.im/4e2u8m>. Acesso em: 24 set. 2015.
- **INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Disponível em: <http://tub.im/kdp2qw>. Acesso em: 24 set. 2015.
- **MUSEU da Imigração do Estado de São Paulo.** Disponível em: <http://tub.im/g62c9y>. Acesso em: 24 set. 2015.
- **POVOS Indígenas no Brasil (PIB).** Disponível em: <http://tub.im/8nqrky>. Acesso em: 24 set. 2015.

População brasileira 139

Figura 4: Coleção Contato Geografia, 2016.
Fonte: MARTINEZ, Rogério. VIDAL, Wanessa P. G. Contato Geografia. Volume 02. 1ª Edição. São Paulo: Quinteto, 2016, p. 139.

No primeiro exemplo apresentado (Figura 2), o filme sugerido é *Quanto Vale ou É por Quilo?* (Sérgio Bianchi, 2002). O longa é uma adaptação da obra *Pai Contra a Mãe* (Machado de Assis, 1906), que apresenta em sua narrativa um paralelo entre o Brasil do século XIII e o Brasil de sua época. O filme visa fazer uma crítica à exploração da miséria humana para a obtenção do lucro para organizações não governamentais (ONG's); e também investiga os processos de permanências e rupturas atrelados à escravidão no Brasil.

A sugestão deste filme surge no capítulo sete do volume 2, da coleção "Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil" (2016). O capítulo intitula-se "Brasil:

diversidade, cultura e migrações" e tem por objetivo apresentar aos alunos a composição e a influência da diversidade cultural brasileira, a partir das contribuições dos fluxos migratórios. O capítulo faz parte da segunda unidade do livro "População e Território", que visa apresentar uma caracterização da população mundial a partir dos acontecimentos históricos que influenciaram o crescimento demográfico, visando compreender também a ocupação desigual do planeta, e ainda, a discussão entre países populosos e povoados. Desse modo, a indicação do filme tem como finalidade corroborar o tema proposto, principalmente no que concerne à discussão sobre a população com o enfoque em questões provenientes da formação da população brasileira a partir das matrizes originárias, e os problemas acerca da discriminação, intolerância racial e preconceitos provenientes do período escravocrata do Brasil e que são reforçados cotidianamente.

No segundo exemplo (Figura 3), é sugerido, na coleção "Geografia Geral e do Brasil" (2016), o filme brasileiro *O Homem que virou suco,* do diretor João Batista de Andrade (1981). O longa narra a trajetória do nordestino Deraldo (José Dumont) que sai de seu local de origem e se aventura em São Paulo. O filme apresenta como temática o processo migratório — Nordeste para São Paulo — no qual pessoas em contextos de vulnerabilidade se vêem obrigadas a deixar o seu lugar em busca de melhores condições de vida. A exploração do trabalho, o subemprego e as diferenças entre classes sociais também estão presentes no filme.

O filme é sugerido no volume 3, capítulo sete "Formação e diversidade cultural da população". O capítulo tem como objetivo abordar o processo originário da formação cultural do Brasil, e, na página em que o filme é sugerido, o tema é a migração interna brasileira, tendo com enfoque o deslocamento de pessoas para a região sudeste.

No terceiro exemplo (Figura 4) é sugerido o filme *Gaijin — Ama-me como sou*, de Tizuka Yamasaki (2005). O longa apresenta a chegada de imigrantes japoneses ao Brasil, no início do século XX, abordando processos migratórios, população japonesa no Brasil, a exploração do trabalho e mão de obra de imigrantes no campo brasileiro.

O filme é sugerido na unidade "População Brasileira", que visa caracterizar a população brasileira a partir de seus aspectos demográficos, como os fluxos migratórios interno e externo, a estrutura da população brasileira, o crescimento vegetativo, a taxa de natalidade, a taxa de mortalidade e o envelhecimento da população.

Como podemos observar na Figura 4, a coleção de livros didáticos "#Contato Geografia" traz, na página final de cada unidade, a seção "Geografia no Cinema". Dessa forma, diferentemente das demais sugestões contidas nos outros livros didáticos, em que

os filmes aparecem ao longo da unidade/capítulo, ou seja, servindo como reforço/ ilustração para as informações contidas nos textos, nesse caso podemos observar que a coleção apresenta um destaque diferente ao cinema. As orientações contidas na própria coleção vinculam essa seção à ideia de que o cinema pode auxiliar no estudo de uma forma mais prazerosa. No entanto, mesmo com o destaque dado ao cinema, apresentando as sugestões de filmes em uma seção exclusiva, observa-se a ausência de proposições ou atividades que potencializem o cinema em sala de aula.

Além da forma como o cinema comparece nos livros didáticos, identificamos os gêneros dos filmes que mais vezes são sugeridos nas coleções de livros didáticos analisados, o que pode-se verificar no Quadro 1.

Coleções	Aventura	Ação	Documentário	Drama	Outros
Geografia Geral e do Brasil	0	0	6	8	1
Ser Protagonista	1	1	16	6	3
Território e Sociedade no Mundo Globalizado	1	0	5	6	2
Geografia no Cotidiano	0	0	21	11	1
#Contato Geografia	0	0	9	9	2
Vivá – Geografia	0	0	5	0	0
Geografia das Redes	0	0	3	2	1
Geografia Contexto e Redes	1	0	15	5	1
Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil	0	0	15	5	4

Quadro 1: Gêneros dos filmes de produção nacional presentes nos livros didáticos pesquisados
Org.: ROCHA, Luís H., 2020.

Com base no Quadro 1, vemos que os gêneros dos filmes que mais vezes comparecem como sugestões nos livros didáticos são Drama e o Documentário.

Gêneros cinematográficos são estruturas narrativas semelhantes que emitem um mensagem. Altman (2000, p. 50), pontuando sobre as funcionalidades que os gêneros fílmicos assumem, diz:

> […] los géneros cinematográficos son funcionales para su sociedad. Productores y exhibidores los consideran «productos»; los críticos, por su parte, reconocen cada vez más el papel que desempeñan en un sistema cultural complejo que permite a los espectadores afrontar y resolver (aunque sea sólo de manera imaginaria) las contradicciones que no consiguen dominar de la sociedad en que viven'. (ALTMAN, 2000, p. 50)

A partir de Altman (2000), entende-se que o contato do sujeito com diferentes gêneros e, principalmente, o contato com diferentes formas de se fazer cinema, propicia a construção de formas outras de sentidos e sensações que podem vir a ser múltiplas.

Trazendo isto para o contexto do ensino de Geografia, a experiência do cinema, enquanto potência artística, direcionado por meio do contato com diferentes formas de abordagem da narrativa fílmica, contribui para a criação de imaginações plurais e amplas acerca do espaço.

O fato de haver dois gêneros que mais vezes comparecem como sugestões de filmes nas coleções de livros didáticos implica a visão que se tem na educação acerca de qual o tipo/formato de filme que é feito para a escola, ou seja, de acordo com essa concepção existe um filme certo para o ensino. Assim, o questionamento que se faz não é apenas quanto aos dois gêneros que mais comparecem, mas sim o fato de que isso pode ocasionar a impossibilidade do contato com outras formas de se fazer cinema, privando, então, a construção de novas e diferentes experiências com essa linguagem.

A partir das análises realizadas na coleções de livros didáticos de Geografia, foi possível identificar que a forma em que os filmes são sugeridos tem relação direta com a o conteúdo trabalhado na página, capítulo e unidade do livro. Assim percebe-se um direcionamento do livro ao trato do cinema apenas enquanto algo que sirva para ilustrar algo, sendo esse algo o conteúdo. Não se observa nas coleções proposições de práticas pedagógicas sobre como lidar com esse filme em sala de aula; os direcionamentos presentes dizem respeito a algo que complementa o conteúdo. O filme, pensado apenas como um recurso que está a serviço do conteúdo, inibe, em sala de aula, a possibilidade de construção de um conhecimento diferente/diverso que a linguagem cinematográfica possa a vir propiciar.

A inclinação a duas formas de gêneros mais presentes nas coleções didáticas demonstra um discurso de que existe um filme *certo* para estar em sala de aula, assim limitando o contato/contágio dos indivíduos presentes no processo pedagógico.

Considerações finais

O cinema, de forma geral, comparece nos materiais analisados, segue um mesmo padrão no que se refere a sua "localização" ao longo dos capítulos e/ou unidades, sempre nas extremidades das páginas, nas seções de *boxes,* assim como no que tange ao seu papel, ficando em nível de sugestão pontual aos professores e alunos. Mesmo na coleção que dá destaque ao cinema, apresentando as sugestões de filmes em uma seção exclusiva, observa-se a ausência de proposições ou atividades que potencializem o cinema como linguagem.

Os filmes sugeridos sempre acompanham o assunto a ser apresentado naquela página, seguindo o tema do capítulo e da unidade do livro. Assim, entende-se que o filme está ali para reforçar, ilustrar e complementar as informações trazidas pelo texto, fotografias, gráficos e mapas.

Quanto aos gêneros fílmicos, as coleções de livros didáticos trazem em maior número os filmes dos gêneros drama e documentário. Apontamos duas possíveis explicações para a predominância desses gêneros. No que se refere ao gênero documentário, existe uma construção histórica da relação e da aproximação dessa forma de se fazer cinema com a educação no contexto brasileiro. No que diz respeito ao gênero cinematográfico drama, sua estrutura narrativa baseada, em geral, em temáticas do cotidiano se aproximaria das proposições contidas principalmente no currículo de Geografia.

Os filmes são estruturas narrativas, portanto, estamos lidando com formas de emissão de mensagens. Limitar o contato de professores e estudantes apenas a duas formas de gêneros implica na impossibilidade da construção de experiências estéticas e de uma leitura espacial mais plural.

Assim, o presente texto defende a necessidade de repensar a forma pela qual o cinema vem sendo vivenciado no contexto escolar e que as contribuições de Ismail Xavier (2008) sejam postas em voga, permeando nessa relação um *cinema que educa*. Que o cinema confronte, tensione, desestabilize, que cause a ruptura do pragmatismo e conservadorismo ainda presente no contexto do ensino e aprendizagem na escola.

Que o encontro, que também é um confronto/contágio, do sujeito com o cinema, possa dar a possibilidade aos sujeitos em questão — alunos e professores — de confrontar o mundo em que vivem, e assim construir, com base nas Geografias de Cinema (OLIVEIRA JR., 2005), leituras múltiplas e plurais sobre o espaço geográfico. Para isso, urge a necessidade de pensar o filme no contexto da escola, não apenas como direcionador do conteúdo, e nem tão pouco pelo caráter ilustrativo, ou representacional — não recaindo aqui em oposições binárias.

Dessa forma, torna-se urgente pensar possibilidades de aproximação entre sujeitos com a linguagem cinematográfica, que permita a construção de práticas de ensino de Geografia em que se pense o cinema enquanto arte/linguagem. Podendo ser essas aproximações a criação de cineclubes, trabalho interdisciplinar, aproximação entre pesquisadores da área e professores da rede básica de ensino, para que assim seja possível a sua inserção na escola de uma forma democrática e crítica.

Referências Bibliográficas

ALTMAN, Rick. **Los géneros cinematográficos.** Barcelona: Paidós Comunicación, 2000.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 13.006**, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasilia-DF, 26 jun. 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália; ALEGRIA, João. **Formação Estética Audiovisual:** um outro olhar para o cinema a partir da educação. Educação & Realidade, n. 33 (1), 2008, p. 59-80.

DUSSEL, Inés. **Usos del cine em la escuela:** uma experiência atravessada por la visualidad. Vitória da Conquista: v.12. n°1, p. 77-100, 2014.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **Imagem e Geografia:** considerações a partir da linguagem cinematográfica. Brasília: Espaço & Geografia, Vol.15, n°2, 2012.

MARTINEZ, Rogério; VIDAL, Wanessa P. G. **Contato Geografia.** Volume 02. 1ª Edição. São Paulo: Quinteto, 2016, p. 139.

MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio. **Conexões** – Geografia Geral e do Brasil – Espaço geográfico e globalização. Volume 3. 3ª Edição. São Paulo: Scipione, 2016.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. O que seriam as geografias de cinema? **Revista TXT –** leituras transdisciplinares de telas e textos. Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o Texto da UFMG, n.2, s/p, 2005.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2011. Goiânia. **Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia**. Goiânia, 2011, p. 1-9.

TERRA, Lygia; ARAUJO, Regina; GUIMARÃES, Raul B. **Conexões** – Estudos de Geografia Geral e do Brasil. Volume 1.3ª Edição. São Paulo: Moderna, 2016.

XAVIER, Ismail. Um cinema que "educa" é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 13-20, 2008.

Recebido em 11 de setembro de 2021.

Aceito para publicação em 08 de setembro de 2022.